



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

JOÃO PAULO SERRA DE SOUZA

TERRITÓRIO E IDENTIDADE NEGRA EM *TORTO ARADO*

**SANTARÉM – PA
2024**

JOÃO PAULO SERRA DE SOUZA

TERRITÓRIO E IDENTIDADE NEGRA EM *TORTO ARADO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras como requisito para obtenção do de Licenciado em Letras, pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará.
Orientador: Prof. Dr. Rainério dos Santos Lima.

**SANTARÉM – PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

S729t

Souza, João Paulo Serra de

Território e identidade negra em *Torto Arado.*/ João Paulo Serra de Souza. –
Santarém, 2024.

41 p.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Rainério dos Santos Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português.

1. Território. 2. Identidade Negra. 3. Personagens femininas. I. Lima, Rainério dos
Santos, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 869.3



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e um dias do mês de outubro de dois mil e vinte e quatro, às 9 horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, na sala de reuniões do ICED, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para realização da arguição do trabalho de conclusão de curso do aluno **João Paulo Serra de Souza**, matrícula 2019012224, intitulado **Território e identidade negra em *Torto Arado***, sob a orientação do Prof. Dr. Rainério dos Santos Lima, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi constituída pelo professor orientador citado, Presidente desta Banca, e pelos(as) Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa da Universidade Federal do Oeste do Pará e Profa. Esp. Roseane Serrão dos Santos do Programa de Pós-graduação em Letras/Ufopa. A banca deliberou pela (X) aprovação () reprovação do TCC, resultando na nota 10,0.

Fica acordado que a nota 10,0 está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de 10 dias úteis a partir desta data e o mesmo deverá contemplar as observações da Banca Examinadora. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Prof. Dr. Rainério dos Santos Lima, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da Banca Examinadora.

Santarém, 21 de outubro de 2024.

Orientador: Rainério dos Santos Lima



Documento assinado digitalmente
RAINÉRIO DOS SANTOS LIMA
Data: 21/10/2024 14:55:25-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Avaliador 1: Odenildo Queiroz de Sousa



Documento assinado digitalmente
ODENILDO QUEIROZ DE SOUSA
Data: 21/10/2024 16:40:33-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Avaliador 2: Roseane Serrão dos Santos



Documento assinado digitalmente
ROSEANE SERRÃO DOS SANTOS
Data: 21/10/2024 16:30:59-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Autor: João Paulo Serra de Souza



Documento assinado digitalmente
JOÃO PAULO SERRA DE SOUZA
Data: 21/10/2024 16:52:30-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

À minha avó Maria Raimunda (*in memoriam*),
à minha mãe, Raimunda do Socorro, e à minha
irmã, Juliana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, de Alenquer e Santarém, por acreditarem na realização junto comigo. De forma especial à minha mãe, Raimunda do Socorro, minha irmã Juliana, meu sobrinho Yuri, ao sobrinho Gael (que ainda está no ventre), ao meu padraсто Ronie e ao meu cunhado Raylan, que me ajudaram a sobreviver, me alimentar, locomover, morar e cursar esta faculdade. E também por serem o meu refúgio para todas as adversidades que enfrentei. Nós enfrentamos isso juntos! Sem vocês, isso não seria possível. Obrigado!

Aos amigos que essa graduação me deu na turma de Letras 2019 e nas demais turmas. Em especial ao Marcos Junio, Marcela, Gilza, Marta, Sara Sabrina. Foram muitos aperreios com prazos, leituras, avaliações, artigos, seminários, eventos, idas e vindas das paradas de ônibus. Sofremos, encaramos e vencemos. Vocês me trouxeram muitas alegrias. A vocês, meus agradecimentos, minha admiração e respeito.

Ao Marcos Wesley, uma das pessoas mais importantes que cruzou meu caminho. Obrigado por acreditar e me fazer acreditar que é possível! Por me apresentar o mundo por outra perspectiva e me conectar com pessoas de diferentes lugares do mundo.

Ao Tapajós de Fato e todas as pessoas com quem dividi e ainda divido as tarefas diárias. Lugar que transformou a minha vida e fez a comunicação popular me fisgar. Não é apenas um emprego, é a luta por um mundo melhor! Obrigado, TdF, por me alçar para novos sonhos e desafios.

Aos companheiros e companheiras de luta dos movimentos sociais da cidade, campo e da região metropolitana de Santarém. Aprendi a resistir com as lutas de vocês.

Às forças espirituais, pela proteção, pelo afago e por guiarem minha caminhada.

Às políticas de Ações Afirmativas do Governo Federal, sem a Lei de Cotas nada disso seria viável. Viva a universidade pública! Viva a educação brasileira!

Ao Instituto de Ciências da Educação, por ser referência na formação de professores no Oeste do Pará.

Ao Curso de Licenciatura em Letras, por ter um quadro de docentes altamente capacitados, comprometidos e sensíveis com os discentes de Letras e por não medirem esforços para promover um ensino de excelência.

Ao grupo de Pesquisa Afroliq, ao Projeto Baobá, ao Projeto Ceanama, ao Cursinho Quilombola, ao Projeto Redação Acadêmica, ao Papo de TCC e ao Labell. Foram lugares onde aprendi, compartilhei conhecimento e contribuí com o ingresso e a permanência de alunos e alunas na UFOPA.

Ao Prof. Dr. Rainério dos Santos Lima que, com empatia e comprometimento, me direcionou na produção desse trabalho.

À UFOPA, de forma geral, com as estruturas de bibliotecas, laboratórios e alimentação, que possibilitaram a realização deste ciclo.

Enquanto eu tiver forças, vou lutar. Porque a vida é luta.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Este trabalho estuda a construção das identidades das personagens femininas do romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, a partir da relação dos sujeitos ficcionais protagonistas com o espaço representado na narrativa. O território é abordado a partir da relação. Também aborda o projeto literário do autor, destacando temas comuns entre seus três romances: *Torto Arado*, *Doramar ou a Odisseia* (2021) e *Salvar o Fogo* (2023). Suas obras representam as dificuldades enfrentadas pelas personagens negras, mostrando como os efeitos do dispositivo colonial e da imposição religiosa atuam em desfavor da resistência das personagens. As narrativas de Itamar exploram as profundezas do Brasil, dando voz a pautas silenciadas pelo sistema colonial, estruturalmente racista, presente na sociedade brasileira. *Torto Arado* destaca as dificuldades de sobrevivência das pessoas, a luta pelo direito à terra e a união entre os membros da comunidade submetidos à exploração e à invisibilidade. É no processo de resistir pela terra, que as irmãs Belonísia e Bibiana mudam suas percepções sobre o que são e de onde são, passando a se verem não apenas como filhas de trabalhadores da fazenda, mas como mulheres negras e quilombolas pertencentes àquele território. A construção deste processo de identificação está fortemente conectado com a ancestralidade dos trabalhadores de Água Negra. O romance *Torto arado* enriquece a literatura brasileira ao abordar temas contemporâneos que problematizam a identidade negra, o território quilombola e a necessidade de justiça social.

Palavras-chave: Território. Identidade Negra. Personagens Femininas.

ABSTRACT

This work studies the construction of female identities in the novel *Torto Arado* (2019) by Itamar Vieira Junior, focusing on the relationship between the fictional subjects and the space represented in the narrative. It also addresses the author's literary project, highlighting common themes among his three novels: *Torto Arado*, *Doramar ou a Odisseia* (2021), and *Salvar o Fogo* (2023). His works represent the challenges faced by Black characters, showing how the effects of the colonial apparatus and religious imposition act against the characters' resistance. Itamar's narratives explore the depths of Brazil, giving voice to issues silenced by the structurally racist colonial system present in Brazilian society. *Torto Arado* emphasizes the struggles for survival, the fight for land rights, and the unity among community members subjected to exploitation and invisibility. In the process of resisting for the land, the sisters Belonísia and Bibiana change their perceptions of who they are and where they come from, beginning to see themselves not just as daughters of farmworkers, but as Black women and quilombolas belonging to that territory. The construction of this identity process is strongly connected to the ancestry of the workers from Água Negra. The novel *Torto Arado* enriches Brazilian literature by addressing contemporary themes that problematize black identity, quilombola territory and the need for social justice.

Keywords: Territory. Black Identity. Female Characters.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A FICÇÃO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR	14
2.1	Fio de corte	14
2.2	O Brasil profundo	19
3	A IDENTIDADE E RESISTÊNCIA EM ÁGUA NEGRA	22
3.1	Território e identidade em <i>Torto Arado</i>	22
3.2	Vozes ficcionais de <i>Torto Arado</i>	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A diáspora africana resultou no sequestro de, aproximadamente, 11 milhões de pessoas dos mais distintos territórios do continente africano. Essas pessoas foram levadas para todas as regiões do Brasil e submetidas a cruéis atos de violência física, epistêmica e cultural. Uma das estratégias de resistência contra a colonização foi o quilombamento, como ressaltava Nascimento (2021, p. 124.). Nesse processo, os contracolonizadores, como define Santos (2015), salvaguardaram suas memórias culturais, sua ancestralidade e estabeleceram relações de pertencimento com os territórios. Essas relações possibilitaram o processo de construção das identidades culturais da população afro-brasileira, sem perder a conexão com a ancestralidade africana.

A construção das identidades das personagens do romance *Torto Arado*, do escritor Itamar Vieira Junior, é uma representação de como as identidades culturais e o pertencimento são forjados a partir da relação com o espaço, com um território, com as comunidades e a diversidade desses locais. Dessa forma, este trabalho apresenta como as personagens Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira estabelecem uma relação de pertencimento com a comunidade Água Negra, no interior do Estado da Bahia, região da Chapada Diamantina e, sob o ideal de filhas daquele chão, constituem suas identidades como mulheres negras quilombolas.

Itamar Vieira Junior construiu carreira como servidor do Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Suas narrativas ficcionais são construídas a partir de suas experiências com as andanças pelos territórios do Brasil. As produções literárias – *Torto Arado* (2019), *Doramar ou a Odisseia* (2021) e *Salvar o Fogo* (2023) – fazem uma representação das pessoas que vivem nas regiões afastadas do litoral brasileiro. Seu primeiro romance, o tornou reconhecido mundialmente como um grande nome da literatura contemporânea, sendo traduzido para mais de seis idiomas e publicado em cerca de 15 países. *Torto arado* ganhou o Prêmio Leya (2018), o Prêmio Oceanos (2019) de melhor livro de ficção, o Prêmio de Literatura do Governo do Estado da Bahia (2019) de melhor romance, o Prêmio Jabuti (2019) e o Prêmio Literário São Paulo (2019) de melhor livro de ficção.

A obra, dividida em três capítulos – "Fio de Corte", "Torto Arado" e "Rio de Sangue" – conta a história da família de Zeca Chapéu Grande, atravessada pelas heranças do colonialismo e a luta pela terra, e por uma vida digna diante de um sistema explorador que atua em movimento contrário aos interesses dos comunitários de Água Negra, uma comunidade constituída de pessoas negras, nas primeiras décadas após a abolição da escravatura.

Este trabalho foi dividido em quatro seções. A primeira seção aborda o projeto literário de Itamar Vieira Junior, apontando a recorrência de temáticas em suas três obras, sobretudo a descrição de manifestações culturais, religiosas e sociais de populações remanescentes de quilombos e descendentes dos povos originários. Evidencia-se que o projeto literário do autor tem foco na denúncia da condição colonial e críticas à religião, dando ênfase ao protagonismo de mulheres negras na sociedade brasileira. A segunda seção é centrada no que o próprio Itamar Vieira Junior chama de romance profundo, apontando a segregação racial como uma das causas para as desigualdades sociais brasileiras. Nesse capítulo, mostramos como a política do branqueamento foi utilizada no Brasil na tentativa de extinguir a população negra, na intenção de não “atrasar” o Brasil diante do cenário internacional, desconsiderando todas as contribuições das pessoas escravizadas e seus descendentes.

A partir da terceira seção, voltamos a pesquisa para o romance *Torto arado*. Primeiro, acerca dos temas que atravessam a narrativa: o racismo, a luta pela terra, a religiosidade, a ancestralidade, a exploração do trabalho, a fome e a seca. Na seção quatro aborda-se o espaço no romance *Torto arado* explorando a dimensão física e as experiências individuais e comunitárias que perpassam as violências, a segregação racial, o silenciamento e as decepções afetivas.

Por fim, é trabalhado com os sujeitos ficcionais da narrativa, apontando as características individuais das personagens, assim como a cumplicidade que fortalece as frentes de resistência pelo direito ao bem-estar comunitário. São mulheres que se tornam lideranças devido à necessidade de lutar pela garantia da dignidade para um povo que é relegado de qualquer direito sobre um território. O lugar descrito em *Torto Arado* já era habitado pelos ancestrais das personagens em análise nesse estudo há cerca de 200 anos.

Destaca-se também o “aquilombamento” como um fator importante para a garantia da sobrevivência dos povos afro-brasileiros e no fortalecimento da identidade cultural que perpassa pelo sentimento de pertencimento ao território. Esses fatores contribuem para a interrupção de um ciclo histórico de cerca de dois séculos de exploração, violência e opressão enfrentados por um povo que persistiu para alcançar a dignidade desejada.

2 A FICÇÃO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

2.1 Fio de corte

Nos romances *Doramar ou a odisseia*, *Torto arado* e *Salvar o fogo*, Itamar Vieira Junior adentra de forma profunda em narrativas que descrevem a realidade brasileira, abordando temáticas que perpassam as manifestações culturais, religiosas e sociais de populações remanescentes de quilombos ou descendentes dos povos originários. A construção da identidade dos sujeitos ficcionais dessas narrativas contribui para o entendimento do processo de formação das identidades nacionais. Em sua escrita, o autor valoriza as heranças africanas associadas às culturas indígenas brasileiras.

A narrativa ficcional de Itamar perpassa ainda pelo legado histórico e mostra como a segregação étnico-racial é um fator determinante para as desigualdades sociais e econômicas latentes no Brasil. Desigualdades mantidas por meio do desenvolvimento econômico que invisibiliza e não respeita os costumes e a ancestralidade das populações negras e ameríndias. A narrativa do escritor destaca as lutas contemporâneas contra as heranças do colonialismo. Essas heranças são marcas impregnadas nas estruturas sociais que impactam a qualidade de vida de pessoas ameríndias e afrodescendentes, comprovando que não houve transformações profundas no Brasil nas primeiras décadas pós-abolição.

Os romances mencionados anteriormente narram enredos que evidenciam as mulheres negras como protagonistas de lutas comunitárias, as quais, posteriormente, percebem suas realidades e forjam suas identidades dentro de um cenário de violência e exploração. Em entrevista ao programa da TV Cultura, Itamar Vieira afirma ter se inspirado no livro *Cidades das Mulheres*, de Ruth Landes, antropóloga que veio ao Brasil na década de 1930 para fazer uma pesquisa etnográfica que visava analisar a relação das pessoas negras com a sociedade brasileira. A pesquisadora conseguiu identificar a forte presença de mulheres negras na sociedade baiana, principalmente no comando de terreiros de candomblé.

Ruth Landes, a partir da escuta de diferentes mulheres sacerdotisas da Bahia, conta que elas contribuíram significativamente ao longo da história, desde a preservação e disseminação da cultura afro-brasileira, até a liderança em movimentos sociais e políticos. Líderes religiosas, essas mulheres se tornaram agentes ativas e promotoras de mudanças na sociedade, lutando pela inclusão, justiça social e valorização da identidade negra, além de enriquecer a diversidade cultural e fortalecer os laços comunitários na região, características fortes dos romances de Itamar Vieira Junior.

Em *Doramar ou a odisseia*, Itamar transita pelas histórias de personagens que almejam serem vistos como figuras humanas. Trata-se de uma “odisseia brasileira” que perpassa diferentes contextos históricos, geográficos e sociais e que lutam para retomar as identidades que lhes foram tiradas, pois o dispositivo colonial colocou esses corpos na “zona do não-ser”. Para Franz Fanon, nas sociedades marcadas pela colonização, o homem branco é o “ser”, o modelo idealizado, e o “não-ser” é o outro, as pessoas ameríndias e negras (Fanon, 2008, p. 26). Dessa forma, o “não ser”, o sujeito que foge ao estabelecido como padrão seria invalidado nessa sociedade. É nessa concepção que as personagens da narrativa de Itamar travam a resistência para serem reconhecidas não como sujeitos brancos, mas como cidadãos, resguardando suas histórias e manifestações culturais a fim de causar uma ruptura com a razão colonial.

Itamar Vieira Junior reforça seu compromisso em narrar histórias que destacam a figura feminina negra, do interior do país, como protagonista na formação do povo brasileiro. Entendendo seus papéis na sociedade, as mulheres fazem uma retomada das suas identidades que se alteram a partir dos contatos com costumes de outras culturas. No Brasil pós-abolição houve uma movimentação sistemática e violenta da hegemonia branca para que o negro rejeitasse a sua própria identidade (Bento; Carone, 2002, p. 14). Ainda na discussão dos autores, era necessário, naquele período “que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se integrar (ser aceito e ter mobilidade social) na nova ordem social” (Bento; Carone, 2002, p. 16).

Kabengele Munanga explica que a principal preocupação do Brasil, após a abolição, era com a imagem negativa construída sobre a herança da população negra na sociedade brasileira: “Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro” (Munanga, 1999, p. 51). Esse processo dificultou a construção de uma identidade negra coletiva, sendo um resultado direto da tentativa de formar o Brasil em uma nação branca. Nessa direção, Itamar Vieira Junior aborda em sua produção literária que a Igreja Católica atuou de forma estratégica a favor da hegemonia branca. Assim, se no início do colonialismo no Brasil houve a tentativa de retirar a identidade cultural, no pós-colonialismo foi possível perceber dois cenários: o da retomada da identidade e/ou manutenção das heranças culturais, e a doutrinação de grupos sociais e comunitários após a instalação da Igreja Católica.

Em *Doramar ou a odisseia* a personagem Alma descreve como a imposição do catolicismo era realizada e como os negros não reconheciam o Deus da representação cristã, pois eles já tinham sua própria divindade, o *Sàngó* de origem africana.

essa senhora tinha muitos deuses em seu oratório, tinha muitas cruzeiras espalhadas pela casa, tinha contas e cruzeiras nos punhos, adorava um deus branco como os que arrancaram minha vó da roça de inhame, do outro lado do mar, um deus branco que veio jogando corpos pretos pelo mar, um deus branco que não achava que também tínhamos alma, não nos contava como almas, éramos coisas, ele nos castigavam com chibatas e o sangue escorria como riacho das nossas costas, esse deus branco deles não fazia justiça, talvez não gostasse do nosso povo, então só podia pedir ao deus dos meus antepassados, a *Sàngó*, que louvamos nas matas, longe da casa-grande (Vieira Junior, 2021, p. 53).

No trecho acima é possível observar como a religião foi utilizada para fins de dominação, a ponto de os negros escravizados não aceitarem a justiça do deus branco. Acreditavam, ao contrário, em *Sàngó*, orixá representante da justiça nas religiões de matriz africanas. A religião europeia era mais um dispositivo utilizado para tentar apagar as identidades negras e suas raízes. Todavia, os negros adotaram estratégias diferentes para não permitir que a ideologia branca sucumbisse às identidades negras.

Da mesma forma, em *Torto arado* a religião europeia é utilizada para tentar expulsar os moradores de Água Negra. Estela, esposa do dono da fazenda, se empenha para instalar uma igreja evangélica e visita Salustiana na companhia de um pastor. Diz Estela: “ali se praticou jarê por muito tempo. Que dona Salu tocava tambor, mas que agora todos deviam ouvir a palavra de Deus” (Vieira Junior, 2019, p. 229). A investida de Estela fazia parte do plano de expulsar os moradores de Água Negra. Salustiana, porém, retruca: “posso não ser curadora, mas ainda sei mexer com feitiço. Posso muito bem dar de comer e beber aos meus guias e pedir para dar um jeito em muita coisa errada por aqui”, disse dando as costas e fechando as portas” (Vieira Junior, 2019, p. 230).

Da mesma forma, a repressão aos costumes se demonstra em *Salvar o fogo*. Na tentativa de extinguir a identidade cultural negra e indígena, a simples extração de seiva de uma árvore para curar um dente inflamado é feita às escondidas, e com temor a Deus por ser considerada pecado:

“No tempo da minha avó”, minha mãe disse tentando acalmar minha aflição, “não havia dentista, e o povo se resolvia sozinho. Minha vó era chegada às coisas de espírito, essas coisas que o padre diz que Deus abomina. ‘Onde já se viu servir a dois senhores?’, perguntava nas missas, ‘tudo coisa de gente índia e preta.’ Mas ela falava de uma árvore, o Loco, e do leite que se tira da raiz [...]

“Como achar a tal árvore, será que ainda existe?” perguntei à minha mãe quase gritando porque a minha vontade era de agarrar em seu braço e fazê-la caminhar comigo até encontrar. Falei tão alto que quase acordei minha irmã

entre a dor e lágrima que insistia em cair de meus olhos, desafiando meu limite. “Não gosto de mexer com essas coisas, Luzia, Deus não gosta porque tem parte com religião de gente feiticeira, não mexemos mais com magia na Tapera. Mas se é necessário, então vamos andar para o lado da mata para ver se a gente encontra o tal Loco. Vamos antes de o sol se levantar, assim ninguém nos verá e nossos nomes não para na boca do povo por causa de nossas doenças.

Minha mãe olhou para a copa escura e espalmou a mão sobre o tronco largo e coberto de cipós, uma cortina de contas sem nos deixar ver seu interior. Ela não me disse, mas eu sabia que naquele instante puxava pelo tempo para fazer os costumes do mesmo jeito que os mais antigos. Repetia a toda hora que não acreditava nessas coisas, mas, naquele momento, na mata, era como se estivesse guiada pelas presenças de outro mundo que tanto renegam (Vieira Junior, 2023, p. 132-135).

A ficção expõe críticas à religião cristã. Ao ser instalado, o catolicismo foi utilizado como dispositivo de apagamento da identidade cultural dos comunitários daquele território. Essa posição se apresenta de forma ainda mais acentuada em *Salvar o fogo*, no qual os religiosos do monastério controlam as atividades da comunidade, cobram taxas para apoiar os serviços da igreja e são responsáveis pelo discurso de demonização dos costumes e manifestações religiosas não-cristãs.

Cabe destacar também que o romance denuncia a violência sexual contra mulheres, crianças e a hipocrisia escondida por de trás das cortinas do monastério. A estrutura física, com muros, portas e janelas enormes, ainda que fossem vistos como o lugar de santidade, por detrás das longas cortinas existiam pessoas que, na figura de religiosos, exploravam tanto os recursos financeiros, como os corpos dos garotos que eram colocados para estudar com os monges. Desse modo, muito antes do interesse de salvar ou educar, havia o interesse pelo lucro e pela satisfação carnal. Tudo disfarçado pelas rígidas regras do ambiente e pelo *status* social dos religiosos diante dos comunitários.

Os meninos continuavam a ser convidados, fosse por mal comportamento ou por outras motivações. Sem os livros e atenção anterior, eu me sentia dependente daqueles gestos. Entrei ao encontrar a porta entreaberta. A sala estava vazia, os objetos antigos no mesmo lugar sobre a mesa. O que denunciava a presença de Dom Tomás era a sua respiração agitada que eu tão bem conhecia.

Abri a porta da sala anexa evitando os ruídos, não queria que me repreendesse por má-educação. Havia uma criança sentada numa cornija, que num primeiro momento não cheguei a reconhecer. Dom Tomás estava ajoelhado à sua frente, os olhos fechados, a cabeça balançando, sua respiração inundou então meus ouvidos. Estremeci e, se pudesse ter visto meu rosto naquele momento, era provavelmente que o apreendesse se esvaindo de sua cor de terra (Vieira Junior, 2023, p. 65).

Nesse romance, os padres impuseram costumes europeus e o catolicismo, instalaram um monastério, ditaram o que era permitido falar e fazer, e cobravam taxas para os

que, em Tapera, quisessem morar e cultivar seus alimentos, além de abusarem dos corpos das crianças desse lugar. Assim, a presença do monastério implicou na perda da identidade cultural constituída a partir das relações criadas naquele território e estabeleceu novos valores morais totalmente desgarrados do que existia anteriormente.

Mudando o enfoque, a terra, a água e o fogo são elementos que percorrem os caminhos das narrativas nas três obras de Itamar. Respectivamente, as águas do Atlântico, do Utinga, do Santo Antônio e do Paraguaçu representam a desgraça que abate os personagens, alimentam o desejo de voltar para as terras africanas, garantem a alimentação, matam a sede, determinam as dinâmicas, unem e separam destinos, geram renda e curam. Nessa ficção, o fogo que limpa a roça é também a chama utilizada pela grilagem de terra, é o fogo que queima as criações na tentativa de intimidar e demonstrar poder. É o fogo que sai da arma e assassina os camponeses, mas também é a mesma chama que queima a igreja, que rompe e enfraquece o colonialismo. É o fogo das velas que fortalece o espírito e que alimenta a fé nas divindades cultuadas. Esse fogo representa ainda a transformação, a chama da esperança, o enfrentamento. A terra é a vida, a moradia, a ancestralidade, a fonte de alimento. É por ela que há o enfrentamento e é dela que vem as energias da espiritualidade.

São elementos essenciais para compreender a trajetória e a identidade das comunidades na obra de Itamar, pois se entrecruzam ao longo das narrativas. O autor mostra que esses elementos, vitais para a garantia da vida humana, ditam as dinâmicas e o destino das vidas. Os rios da Chapada Diamantina, Utinga e Santo Antônio são elementares para a garantia da pesca, do extrativismo e da agricultura, bases da sobrevivência dos moradores de Água Negra, espaço onde se passa o romance *Torto arado*. Rios que desaguam no maior, o Paraguaçu, no recôncavo baiano, local onde está o território da narrativa *Salvar o fogo*, Tapera.

O rio Paraguaçu, por sua vez, deságua na Baía de Todos-os-Santos. Ainda que ali exista a cultura da pesca e da coleta de mariscos no mangue, esse rio passa a ser uma rota mercantil entre o interior e a capital, é o caminho feito por pessoas que veem na cidade o sonho de melhorar de vida. O Paraguaçu, assim, não é um rio que garante a permanência, é um rio que possibilita o êxodo das pessoas da região. A força física e espiritual que mantêm os moradores de Água Negra e da Tapera de pé é a força que emana da natureza, é nas águas, folhas, ventos, trovões, elementos nos quais essas pessoas se conectam espiritualmente. Nesse sentido, a presença ou ausência das forças da natureza acaba por determinar a permanência ou êxodo dos territórios.

A ficção de Itamar Vieira Junior demonstra como o que foge do que é feito pelo homem branco ou da cultura hegemônica, sofre distrato. Na história *Meu mar (fé)*, no romance

Doramar ou a odisseia, seis jovens (cinco homens e uma mulher) entram clandestinamente em um *container* dentro de um navio com destino ao Brasil e são descobertos pela tripulação, apanham, são humilhados e discriminados. A mulher, no entanto, sofre as piores consequências, com violações físicas e psicológicas, para além do que acontece dentro do navio.

Promoveram as maiores humilhações, tocaram meu queixo, tocaram em meu seio, me levaram para um lado de luz da embarcação enquanto batiam em você e nos outros homens. Eu também não escapei da violência, machucaram meu supercílio, entraram em mim, contei, quatro homens cheios de ódio deitaram sobre mim, à deriva no navio que chamamos de *Esperança*, morderam minha pele suja e urinaram sobre meu corpo. Assim nos despedaçaram até nos lançarem ao mar (Vieira Junior, 2021, p. 100).

Em *Salvar o fogo* o retrato do corpo negro, objetificado e violado, ocorre com Luzia ainda na juventude. Luzia, a personagem protagonista do romance, é estuprada por um rapaz viajante que passou pela Tapera. O estupro resultou em uma gravidez inesperada que transforma a vida de toda a família:

Cumprimentei “tarde”, ele não respondeu. Estendi a mão, e nem consegui dizer que o moleque na estrada pediu para entregar o bilhete. Ele me puxou pelo mesmo braço que estendi, a trouxa caiu, caiu macia no chão de terra. Ele cheirou meu pescoço e eu me assustei e olhei para a porta para ver se vinha alguém, tentei me desvencilhar: não, moço, eu tenho que lavar a roupa no rio, minha irmã está me esperando”, menti. Ele me chamou baixinho: “venha, morena, venha, morena”, e já estava com as calças nas mãos quando me empurrou e eu caí no chão. Tentei me rastejar como uma cobra para pegar à porta, mas ele veio feroz como um cão e me cobriu como os animais se cobrem. Tudo foi ficando escuro, o corpo doía, até que eu estava sozinha de novo e não conseguia saber como eu tinha ido para ali (Vieira Junior, 2023, p. 109).

A narrativa aborda como as memórias locais, a conexão com os antepassados se tornou fonte de resistência para aqueles comunitários que lutavam por dignidade e respeito diante de um processo de apagamento e invisibilidade. As cicatrizes são marcas do passado e a força que mantém vivo o desejo de fazer acontecer uma mudança na história, ou seja, torná-la mais humana e socialmente justa. Nesse viés, uma das características da literatura de Itamar Vieira Junior é o testemunho da realidade social e ambiental de sujeitos que, de diversas formas, são sobreviventes da estrutura escravocrata. O autor apresenta histórias de sujeitos ficcionais que se conectam em busca de suas identidades diante de um processo de marginalização de seus corpos.

2.2 O Brasil profundo

Joaquim Nabuco, líder abolicionista, destacava que a abolição da escravidão seria benéfica para a sociedade como um todo, mas reconhecia os desafios que seriam enfrentados pelos ex-escravizados e a necessidade de inclusão social, a fim de evitar a perpetuação de desigualdades (Nabuco, 1988, p. 62). Entretanto, após a abolição, o Brasil tentou instituir o branqueamento da população brasileira facilitando a entrada de estrangeiros de países europeus e asiáticos, e também garantia áreas de terra para os novos moradores. Já para os ex-escravizados, relegou-se somente a apatia.

Ao refletir sobre o processo de branqueamento nos séculos XIX e XX, Carvalho afirma que a doutrina definida por Arthur Gobineau foi uma política de Estado (Carvalho, 2021, p. 10). Ainda que o país tivesse um número significativo de pessoas negras por todo o território nacional, acreditava-se que os brancos eram superiores aos negros.

Os negros eram a evidência material da miscigenação havida. Mesmo naqueles tempos, a concepção de “limpeza étnica” explícita não seria bem vista. Era melhor fingir que os milhões de novos imigrantes, vindos organizadamente com suas famílias e parentes, fossem “melhorar” ou contrabalançar a população negra, miserável e analfabeta por imposição de seus senhores. Seguindo-se às imigrações durante o século 19, a oportunidade histórica para “branquear”, na passagem do século 19 para o 20, era boa para os planejadores ligados às oligarquias. Os negros ex-escravos, seus filhos e netos estavam-se reduzindo em número, formidavelmente. Morriam muito mais que os outros, uma vez que intencionalmente desassistidos (Carvalho, 2021, p. 10-11).

O branqueamento resultou no que, segundo Kabengele Munanga (1999), é chamado de mestiçagem: “Essa ideologia, caracterizada entre outros pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negros o ditado ‘a união faz a força’ ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos” (Munanga, 1999, p. 15). Consoante com Prazeres, Marques e Ribeiro (2012, p. 41), logo após a abolição não foram implementadas ações significativas que possibilitassem a inclusão e a cidadania das pessoas negras.

A narrativa *Torto arado* apresenta enfrentamentos diretos entre os trabalhadores e o dono da fazenda, podendo ser uma representação dos desafios do ex-escravizados e seus descendentes no Brasil pós-abolição. Sendo que, no último capítulo do romance, há o enfrentamento pelo direito à terra, quando Belonísia narra o discurso de seu primo contra o fazendeiro de Água Negra:

Severo levantou sua voz contra as determinações que não concordávamos. Virou um desafeto declarado do fazendeiro. Fez discurso sobre os direitos que tínhamos, que nossos antepassados migraram para as terras de Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da abolição. Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito

a uma casa decente, que não fosse de barro, e precisasse ser refeita a cada chuva (Vieira Junior, 2019, p. 197).

No trecho acima, identifica-se o início de uma luta contra um sistema de segregação que se mantinha por meio do enfraquecimento da identidade cultural. O principal motivo da luta passa a ser a terra, pois é a partir dela que os comunitários estabelecem seus modos de vida.

3 A IDENTIDADE E RESISTÊNCIA EM ÁGUA NEGRA

3.1 Território e identidade em *Torto Arado*

O romance *Torto arado* retrata a história de uma família que trabalha na fazenda Água Negra, no sertão baiano. Esse trabalho campesino ocorre em troca de um lugar para a família construir um pequeno barraco, servindo de local para a plantação e produção que garante o sustento dos personagens. Produção que precisa ser dividida com o proprietário da fazenda. Apesar de não estar explícito no início da narrativa, o contexto social indica que o espaço é um quilombo. Com o desenvolver da história, as personagens fazem um movimento de reivindicação dos direitos que é resultado da construção da identidade conectada com aquele território.

A narrativa de *Torto arado* está dividida em três capítulos: *Fio de corte*, *Torto arado* e *Rio de sangue*. Neles são narrados os acontecimentos da fazenda Água Negra desde que as personagens principais, Bibiana e Belonísia, irmãs com idades próximas, filhas de Zeca Chapéu Grande – curandeiro e um dos trabalhadores mais antigos da fazenda – e Salustiana, mudam os rumos de suas vidas ao se mutilarem com a faca da avó Donana. A religião praticada pelos moradores de Água Negra é o Jarê, que tem heranças africanas com influências indígenas e cristãs. Preservado pelos afrodescendentes, o Jarê é um meio de fortalecimento espiritual, de cura para os males físicos e psicológicos, e também espaço de fortalecimento das identidades comunitárias dos moradores de Água Negra. Neste lugar, além das roças, nos cultos de Jarê as pessoas se reuniam para celebrar a vida comunitária.

As limitações na comunicação oral fortalecem a união entre as irmãs e o enfrentamento que elas lideram contra a exploração no trabalho e a invisibilidade enquanto grupo étnico. Por outro lado, o corte das línguas é, sobretudo, uma representação da negação da fala às mulheres negras quilombolas e a violação de seus direitos na época. O silenciamento das irmãs de Água Negra remete, ainda, à imagem histórica da escravizada Anastácia¹, que foi obrigada a usar a máscara do silenciamento que não a permitia falar, impedindo-a de mobilizar os demais escravizados para fugir das terras dos seus senhores.

¹ Anastácia foi uma brasileira escravizada, no século XIX, obrigada a usar uma máscara de silenciamento, simbolizando a repressão de sua voz e identidade. Grada Kilomba relaciona essa máscara ao silenciamento das experiências de mulheres negras, tornando Anastácia um símbolo de resistência e luta por liberdade (Kilomba, 2019).

A violência do corte nas línguas e da máscara do silenciamento representam a imposição do senso da mudez, do medo e a tortura. Para Grada Kilomba (2019), o silenciamento é um dispositivo de dominação e uma estratégia para a manutenção do sistema de exploração que garante os privilégios do dominador e relega à subalternidade os dominados.

Assim, o primeiro capítulo do romance é narrado por Bibiana, o segundo por Belonísia, e o terceiro por uma entidade do Jarê chamada *Santa Rita Pescadeira*. Nesses capítulos, cada personagem-narradora constrói diferentes relações com o território, o que contribui na construção de suas identificações sociais. Portanto, torna-se necessário entender a importância do território para as populações quilombolas, uma vez que, para eles, a terra é de uso comum. Tudo começa pela terra e as relações tecidas a partir dela. Antônio Bispo dos Santos, em *Colonização Quilombo*, afirma que a terra não é vista pelos quilombolas como um lugar para produzir bens, a terra é para viver. Segundo o intelectual, para quilombolas, indígenas e populações “afroconfluentes”, os denominados “contracolonizadores”, a terra era considerada de uso comum e “o que nela se produzia era utilizado em benefício de todas as pessoas, de acordo com as necessidades de cada um, só sendo permitida a acumulação em prol da coletividade para abastecer os períodos de escassez provocados por irregularidade” (Santos, 2015, p. 48).

Segundo Santos (2023), não se trata apenas de morar na terra, mas de aprender a viver a partir do sistema próprio de cada comunidade, de utilizar tecnologias ancestrais e sobreviver a partir do que a terra permite produzir. Na terra até os cantos dos pássaros “avisam se ia chover, se ia ter sol ou se o céu ficaria nublado” (Santos, 2023, p. 1). Esse conhecimento dialoga com a cosmovisão do povo indígena Krenak, que emprega tecnologias ancestrais em suas formas de organização. O modo de viver em comunidade é uma forma de se fortalecer e sobreviver, algo que historicamente incomodou o Estado, visto que representa uma ameaça aos privilégios aglutinados ao longo da história. Santos (2015) ressalta que os quilombolas eram vistos, até 1888, como organizações criminosas.

As comunidades quilombolas de Caldeirão, Canudos, Pau da Colher, que se formaram após a abolição, também sofreram ataques das forças do Estado no século XIX, sendo perseguidas e destruídas. Antônio Bispo considera que esses ataques ao longo da história tinham como motivação o racismo e o genocídio da população negra (Santos, 2015, p. 51).

O racismo amplificou as violências contra a população negra. Em sua tese de doutorado, Zélia Amador de Deus explica que “o racismo brasileiro se impõe mais pelo silêncio. Um silêncio capaz de calar o outro. Portanto, não raras vezes, a tônica deste embate, neste caso, não se constituiu no ‘o não dito’, mas no praticado” (Amador de Deus, 2008, p. 32). A exemplo,

as comunidades contra colonizadoras, citadas por Santos (2015), que queriam viver de forma pacífica, praticar suas culturas e religiões, no entanto, o Estado entendia essas manifestações como uma ameaça e intervinha de forma violenta. Do mesmo modo, em *Torto arado*, o racismo existia por meio das práticas de exploração e intimidação, autoritarismo e obrigação a um trabalho forçado de um grupo específico: os moradores da comunidade Água Negra, uma comunidade formada por negros. À primeira vista, eram trabalhadores, no entanto, ao aprofundar o olhar, a situação a qual estavam submetidos era uma consequência do racismo que os controlavam.

De acordo com Antonio Bispo, as comunidades quilombolas, a exemplo de Palmares, eram vistas pelos colonizadores como um agrupamento de selvagens sem religiosidade, sem civilização e sem cultura. Essas eram as justificativas para aniquilar os grupos minoritários com o apoio do Estado (Santos, 2015, p. 63). Na visão das elites brasileiras, os quilombolas ameaçavam a moral, a organização social e os costumes dos colonizadores.

As perseguições aos quilombolas costumavam ser por disputas territoriais, isso porque o território é a resistência, “é o ente gerador da força” de povos confluentes (Santos, 2015, p. 63). A luta para se manter em um território é um meio de assegurar modos de vida, de conexão com o território, a cosmovisão. Da mesma forma, nas narrativas de Itamar é observada a cosmovisão dos personagens com o território a atuação do Estado como um agente opressor influenciado por uma lógica política e ideológica segregadora das alteridades. “Se não pudessemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim” (Vieira Junior, 2019, p. 83).

O espaço-tempo de Água Negra não é igual ao espaço-tempo da Tapera de Paraguaçu, tampouco igual aos espaços-tempo de *Doramar ou a odisseia*. Os interesses, as reivindicações, as pessoas e as ideologias desse romance não são pelos direitos à terra, mas sim contra a exploração, miséria e pobreza. Mesmo que sejam impactadas pelo racismo, a afetação será diferente. Em Tapera, por exemplo, a influência indígena é significativa, as relações e o contato das pessoas com espaços urbanos são maiores, as relações econômicas são diferentes de Água Negra, e o conservadorismo é mais forte devido à influência da Igreja Católica.

Em termos de teoria, autores como Mikhail Bakhtin afirmam que o tempo e o espaço são indissociáveis na literatura (Bakhtin, 2018, p. 11). Para ele, a forma conjunta “tempo-espaço”, o cronotopo, é uma forma artística de assimilar os dois elementos, isso porque, na literatura, o tempo passa por um processo de densidade, e o espaço acompanha seu movimento. O tempo é visto como mais importante que o espaço. Ainda segundo o autor, o

tempo é visto como o condutor do cronotopo, sendo esse o fator que determina as imagens dos sujeitos, que, por sua vez, modificam-se ao longo do tempo. Dessa maneira, o sujeito, dentro das produções literárias, suas ideologias, lutas, dores, desgostos, crenças, precisa ser visto dentro desse conceito de espaço-tempo.

Cresci em meio às crenças do meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem daquele mundo em que crescíamos (Vieira Junior, 2019, p. 59)

Esses fatores, entre outras características, são resultados da construção social na qual o indivíduo está submetido. As suas experiências são dadas a partir das transformações e condições espaciais em um determinado recorte de tempo.

Em *Torto arado* é fundamental observar essa forma do espaço-tempo. Ainda que muito do enredo tenha a terra como elemento principal, o romance de Itamar Vieira é não-linear e cada personagem-narrador possui uma relação, visão ou um sentimento particular sobre o território. Alberto Brandão (2013), ao argumentar que “o espaço não é um ‘fato natural’”, defende que essa categoria se constitui, na verdade, das relações e atividades humanas nela realizadas, embora cada indivíduo pratique suas ações movido pela própria subjetividade. O ensaísta defende que, no campo literário, o “espaço atua como elemento importante em vários campos do conhecimento” e “é mais adequado, pois, afirmar que o espaço possui distintas histórias, dependendo do campo que se enfoca, mesmo que frequentemente haja cruzamentos entre os campos” (Brandão, 2013, p. 20). Nesse sentido, dentro de qualquer contexto de vida comunitária, o espaço é uma categoria fundamental para a constituição dos sujeitos.

Sendo o espaço quilombola representado na ficção, em *Torto arado* há a formação de um povoado que se constitui no entorno da fazenda Água Negra. Esse povoado é formado por pessoas negras que são vistas apenas como mão de obra e, nesse sentido, há um estabelecimento de relações de poder entre sujeitos daquele espaço rural. Algumas dessas relações são afetivas, de subsistência ou dependência. Para o dono da fazenda pode ser apenas um espaço para gerar lucro, mas para os trabalhadores, é um território que lhes proporciona tudo que precisam para viver. O espaço, segundo Raffestin (1993 *apud* Cunha; Antonello, 2020, p. 5), é o que antecede o território, e o que vai determiná-lo são as ações e as relações sociais desenvolvidas naquele espaço. Logo, por meio das ações humanas e da vida social, o espaço é territorializado. Na concepção de Sack (Dias, 2013, p. 63), a “territorialidade” é uma expressão primária do poder social e identitário sobre a constituição do espaço: “é o meio pelo qual espaço

e sociedade estão inter-relacionados. As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo”.

Assim, em *Torto arado* cada personagem tem a sua subjetividade e experiência particular com o espaço representado na narrativa, mas, do ponto de vista coletivo, tem-se um contexto comunitário no qual os trabalhadores vivem um processo de dominação, imposição e exploração de sua força de trabalho. E até mesmo a invisibilização, enquanto sujeitos detentores de direitos daquele território, é absorvida no processo de constituição das identidades e das ligações com o território da narrativa. Bibiana, por exemplo, narra no primeiro capítulo:

O gerente queria trazer gente que “trabalhasse muito” e “que não tenha medo do trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casas de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias naquela terra. [...] podia trazer mulheres e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão (Vieira Junior, 2019, p. 41).

Durante o tempo percorrido pela narrativa, a representação das personagens e as suas relações com o espaço rural se modificam, os laços com a terra, e o sentimento de pertencimento àquele lugar se torna mais forte. Melhor dizendo, de sujeitos trabalhadores da fazenda, os personagens passam a se constituir como filhos daquele território, espaço agora representando a partir dos sentidos da identidade comunitária. Pois, naquele lugar, enterrada como os umbigos das crianças recém-nascidas e os corpos dos mortos, está a genealogia, a ancestralidade, o princípio e o futuro da comunidade de Água Negra.

O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia. Quando nascemos, nossos pais já eram trabalhadores da Fazenda Água Negra (Vieira Junior, 2019, p. 20).

E ainda:

Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, nasceram nesta terra, nasceram aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo só existe porque trabalhamos esta terra. Eu nasci aqui, meus irmãos nasceram aqui [...] (Vieira Junior, 2019, p. 219).

Percebe-se, nos fragmentos citados, como os moradores de Água Negra construíram suas identidades, atribuíram sentidos e modificaram o território ao longo do tempo. Essas pessoas, ainda que fossem proibidas de deixar qualquer marca de sua existência, inevitavelmente se forjaram como parte indispensável daquele lugar, a ponto de não conseguirem mais imaginar a continuidade da vida longe do território de Água Negra. Dos mais velhos aos mais novos, dos que chegavam aos que nasciam em Água Negra, ninguém estava isento da exploração de trabalho. Até as crianças eram submetidas ao trabalho nas lavouras, ainda que fosse apenas para espantar os chupins - pássaros que comiam o arroz das roças da fazenda.

Entretanto, os moradores desaprovam a imposição de não terem direito sobre aquele território, vivendo sob o risco de serem expulsos a qualquer momento. Quando se veem ameaçados de perderem o lugar em que vivem há gerações, entendem o quanto estão ligados àquele território e que precisam resistir.

Assim, ao longo de quatro décadas, a visão dos personagens sobre o território de Água Negra se modifica. As ameaças de expulsão da fazenda não implicariam apenas na perda do local de trabalho, já que as receitas eram apenas para o fazendeiro. O risco era de se perder as relações com o território em que famílias se estabeleceram ou se formaram, o local onde os antepassados estavam enterrados e os umbigos dos recém-nascidos eram colocados (Vieira Junior, 2019, p. 207). A luta não era ter apenas um trabalho, e sim para permanecerem em Água Negra e garantir a existência da comunidade ali formada.

Além disso, fatores externos à Água Negra também implicam na construção do sentimento de pertencimento ao território. O contato dos personagens com o espaço urbano, onde há uma realidade diferente, com acesso precário a serviços básicos, como saúde e educação, provoca mudanças de percepção sobre o lugar onde estavam inseridos: “E como era diferente o mundo além de Água Negra, como era diferente a cidade com suas casas umas às outras. As ruas calçadas com pedra. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de barro” (Vieira Junior, 2019, p. 20).

No romance *Torto arado* o território influencia a subjetividade das personagens. Os sentimentos dos personagens levam a ações que marcam as relações dentro do espaço. “Os índios foram sendo afastados, mortos, ou obrigados a trabalhar para esses donos da terra. Depois chegaram os negros, de muito longe, para trabalhar no lugar dos índios. Nosso povo, que não sabia o caminho de volta para sua terra, foi ficando” (Vieira Junior, 2019, p. 177).

Ao mesmo tempo, a narrativa representa um território no qual a coletividade se torna nítida: o trabalho nas plantações da fazenda era realizado por vários trabalhadores; as

casas eram construídas em uma distância que possibilitava a boa relação entre os vizinhos; os cultos do Jarê eram mais um momento de comunidade. A produção de alimentos nos próprios quintais eram o que garantiam a subsistência das famílias e as trocas entre vizinhos era uma prática comum. Esses diferentes aspectos demonstram que a coletividade e a solidariedade são fortes características dentro daquele território e, com o desenvolvimento da narrativa, mostra a sua importância.

As celebrações de jarê, na casa de Zeca Chapéu Grande, eram os únicos momentos de lazer. Junto às entidades espirituais, os comunitários dançavam, cantavam e bebiam. Essa sociabilidade fortalece a compreensão do território ocupado por quilombolas como um espaço comum.

No dia de São Sebastião, santo de devoção de nosso pai e celebrado na sua data de nascimento, havia a maior festa, a que mais agregava gente e a que mais trazia devotos de fora da fazenda. Muitos vinham de fora para seguir os rituais da brincadeira para festejar com bebidas e comidas as dádivas dos encantados (Vieira Junior, 2019, p. 44-45).

Logo, no romance, as identidades dos personagens se formam a partir do espaço-território. São as pessoas que constituem o espaço, que o moldam, tornando cada território um lugar único, e esse espaço é modificado ao longo do tempo.

3.2 Vozes ficcionais de *Torto Arado*

Em *Torto Arado*, a cumplicidade entre as irmãs que cresceram ajudando nos afazeres de casa, nas plantações, na beira dos marimbus (uma espécie de área alagada cercada por palmeiras de buritis), pescando e colhendo coco para extrair o dendê, é apresentada de forma intensa desde o início da narrativa. Por isso, no sentido de discorrer sobre as personagens e abordar suas relações com a narrativa, neste capítulo serão apresentadas as características de como as três vozes que narram *Torto arado* constroem suas identidades. E, como já anunciado, as vozes e sujeitos do romance estão diretamente ligados com o espaço da narrativa.

Luís Brandão, quando aborda o “espaço” pelo viés da diacronia, afirma que “as formas de representação espacial variam de acordo com as relações que cada época e cada cultura possuem com o espaço, relação que abarca possibilidades de percepção e uso, definidas por condicionantes econômicos, sociais e políticos” (Brandão, 2013, p. 18). Por sua vez, as narradoras de *Torto arado* enunciam suas próprias histórias, narrativas que estão profundamente ligadas à história do espaço em que vivem. No romance, as personagens femininas desejam modificar o legado colonial imposto aos seus corpos, sem abandonar a

memória ancestral da população negra, além disso, utilizam essa mesma memória para garantir liberdade e dignidade no âmbito da coletividade pelo direito à terra. Uma vez que todas as reviravoltas que acontecem ao longo do tempo com os moradores de Água Negra se dão em decorrência da resistência para permanecerem naquele lugar.

Ao conceituar “espaço e identidade”, Luís Brandão afirma que os interesses individuais e os valores em comum, e até as divergências, marcam o espaço da identidade. As personagens Bibiana e Belonísia, ainda que tenham interesses em comum, possuem também embates, divergências e mágoas, e tais sentimentos e perspectivas contribuem na construção da identidade a partir do espaço-tempo. Como afirma Brandão, “toda identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade, seu principal predicado é intrinsecamente político” (Brandão, 2013, p. 31). Com isso, entende-se que as pessoas não constroem suas identidades por um padrão fixo e isolado, a identidade é algo que se constrói em relação aos outros e está intimamente ligada ao contexto político em que está inserido, nesse caso, o contexto de Água Negra.

Cabe ressaltar ainda que cada personagem da narrativa possui uma relação diferente com o espaço-tempo de Água Negra. Bibiana narra o primeiro capítulo de *Torto arado*, além de ser uma das primeiras pessoas que se revolta com a realidade do povo de Água Negra. Tal fato ocorre pelo trabalho na fazenda ser realizado sem qualquer tipo de assistência, pois as famílias ainda são obrigadas a dividirem o que produzem para sobreviver, sem direito a salário, educação e moradia digna.

Bibiana e Belonísia, mesmo que possuam uma forte ligação uma com a outra, vivenciam distintas experiências ao longo do tempo. Essas experiências provocam transformações profundas em cada uma. São transformações que ocorrem tanto no âmbito social, pessoal e familiar. A fuga de Bibiana em meio à madrugada, grávida do filho de seu primo Severo, não foi pelo medo de enfrentar os pais. Era o enfrentamento de uma possível realidade que poderia se perpetuar naquele lugar, naquela realidade. Bibiana tinha o sonho de se tornar professora, tal sonho era fortalecido nas perspectivas do primo e marido, Severo. Seguiu para a cidade, teve filhos e passou a trabalhar como doméstica, babá – atividade diferente das quais realizava na fazenda –, e apesar de não ser um trabalho que rendesse muito dinheiro, garantia o necessário para sua sobrevivência e para arcar com o estudo. Coursou magistério, se tornou professora e voltou à Água Negra para ministrar aulas.

O que Bibiana se tornou quando adulta é fruto de um processo de consciência política que se desperta nela ainda na juventude. Dois momentos na narrativa chamam a atenção para a indignação de Bibiana com a realidade da fazenda Água Negra, primeiro quando pensa

no futuro das pessoas naquele lugar: “Não era justo ver tio Servó e os filhos crescendo espantando chupins das plantações de arroz. Não era justo ver meu pai e minha mãe envelhecendo trabalhando de sol a sol, sem descanso e sem qualquer garantia de conforto em sua velhice (Vieira Junior, 2019, p. 79). O segundo, quando o gerente da fazenda se apropria de parte do escasso alimento da família:

Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fritar os peixes miúdos que pescávamos no rio. Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal (Vieira Junior, 2019, p. 85).

Bibiana, ao se dar conta do cenário de opressão, se torna um símbolo de resistência, pois esta seria a única forma de reagir e tentar mudar a realidade do território onde nasceu. O acesso à educação, o contato com a realidade do espaço urbano e o convívio com Severo, que se tornou sindicalista, despertou ainda mais coragem em Bibiana de querer lutar contra as desigualdades em Água Negra. Bibiana queria e sabia que um dia voltaria para Água Negra. Voltou com os filhos – a terceira geração da família – e não queria para eles as mesmas condições que, por muito tempo, fez parte da realidade dela e de sua família. Almejava a justiça social e, acima de tudo, que as pessoas conseguissem se enxergar dentro da realidade à qual estavam submetidos.

Com o desenvolvimento da narrativa é possível perceber as transformações em Bibiana. Ela desempenha um papel importante na relação com os moradores de Água Negra. Passa a educar as crianças daquele lugar possibilitando sonhos e perspectivas que vão além dos limites da fazenda. Por meio da educação, a personagem faz as crianças de Água Negra se perceberem como parte daquele território, que as dificuldades que todos enfrentavam não podiam ser naturalizadas e que todos ali tinham os mesmos direitos. Com os mais velhos da comunidade, o trabalho de Bibiana foi de fortalecimento de base e de reivindicação de direitos. Assim, ela rompe com o paradigma do papel da mulher negra naquele lugar, saindo de um lugar de marginalização e opressão, ocupando uma posição central para promoção de mudanças coletivas.

Essa mudança ocorre quando as principais lideranças comunitárias morrem, após a morte do pai e do assassinato do marido. A irmã e a mãe também se juntam à nova liderança.

Bibiana se percebe como filha de Água Negra, criou seus filhos naquele território, mas sua luta não era apenas para ter um lugar com os filhos para morar. Por ser professora, conseguiria se estabelecer em outro lugar com a sua família, mas a forte ligação com Água

Negra levou Bibiana a permanecer e continuar sua luta pelo interesse da comunidade. O acesso a um conhecimento diferente e o contato com outras realidades foi fundamental para a personagem conhecer ainda mais a sua própria história e defender os direitos coletivos das pessoas de Água Negra.

Já a irmã, Belonísia, é quem narra o segundo capítulo do romance. Diferente da irmã, ela nunca saiu de Água Negra, pois desde pequena se interessou em trabalhar na roça e ajudar os pais na agricultura. Sua ligação com a terra é diferente da irmã, Belonísia tem uma relação mais forte com o chão, sentindo necessidade de tocar a terra. Ainda no primeiro capítulo, Bibiana comenta as habilidades da irmã:

Ela manejava o facão melhor do que eu, e confesso que invejava a sua habilidade. Brandia os instrumentos com uma força de admirar, ao mesmo tempo que fazia me sentir fraca para a lida com a terra. Com sua disposição, Belonísia se aproximou mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas (Vieira Junior, 2019, p. 74-75).

A lavoura era seu lugar preferido, tanto que Belonísia se tornou uma das moradoras que mais produziam alimento, chegando, inclusive, a dividir com os vizinhos. Ao longo da narrativa é possível perceber que a ligação de Belonísia com Água Negra se tornar ainda mais intensa. “Diferente da Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer o azeite, e despolpar o buriti” (Vieira Junior, 2019, p. 97). Assim, as atividades que Belonísia realizava rotineiramente despertam nela o sentimento de também ser parte daquele território.

O fato de Belonísia ter perdido uma parte da língua, que a impediu de falar, parece ser algo que a motivava a não querer parecer uma pessoa inútil. Por não conseguir se comunicar oralmente com as pessoas, trabalhar nas lavouras era a principal atividade que garantia a permanência dos comunitários naquela terra. Logo, Belonísia demonstrou sua importância para ajudar a família.

A vontade de trabalhar com a terra, de plantar, cuidar e cultivar demonstrou ter maior força que a luta de Zeca Chapéu Grande para que seus filhos tivessem acesso à educação. A escola construída em Água Negra foi fruto das articulações de Zeca Chapéu Grande, mas aquele não era o espaço que Belonísia gostava de estar.

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, era bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã

mais velha e de minha mãe do que daquela professora sem paciência que vinha dar aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente. Diferente de Bibiana, que sonhava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti (Vieira Junior, 2019, p. 97).

Ela gostava genuinamente de trabalhar com a terra e com os recursos que ela provia. Aquele chão preenchia o vazio silencioso do seu interior: “E os sons, os sons dos animais, das folhas ao vento, do rio correndo, os sons ecoavam perenes em seu interior. Fosse nas tarefas do dia ou no sono leve da noite. Então sentiu que desde sempre o som do mundo era a sua voz” (Vieira Junior, 2019, p. 248).

Ainda que Belonísia não tenha dado importância para a educação formal, seu interesse por conhecer a natureza a partir do conhecimento ancestral de seu pai sobre as matas, águas e o céu era evidente. Nesse aspecto, as irmãs buscam conhecimento em cenários opostos. Bibiana se dedica aos estudos, ao magistério, ao domínio do exercício da linguagem oral e escrita, algo que dificilmente seria alcançado pela irmã que perdeu completamente a fala. Enquanto Bibiana busca um conhecimento que até então é personificado na figura feminina da professora Lourdes, Belonísia busca o conhecimento da figura masculina, representado por seu próprio pai, Zeca Chapéu Grande. “Olhava para o quadro verde, as letras embaralhadas, bonitas, mas que formavam palavras e frases difíceis que não entravam em minha cabeça, e pensava em meu pai na várzea encontrando coisas novas na terra para a qual se dedicar” (Vieira Junior, 2019, p. 97-98).

Todavia, um conhecimento não anula o outro, não faz uma irmã ser melhor do que a outra. São conhecimentos que, para os comunitários de Água Negra, se complementam. É a educação formal atrelada com os conhecimentos ancestrais sobre o uso da terra que fortalecem as dinâmicas naquele território. Diz Belonísia:

Poder estar ao lado do meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes com seu perfume enjoativo e suas histórias mentirosas sobre a terra. Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que os céus e a terra viviam (Vieira Junior, 2019, p. 99).

Bibiana buscou o conhecimento por meio do magistério, Belonísia, por sua vez, o conhecimento ancestral, ou seja, sobre a terra, as matas. Ainda que as irmãs tenham convivido quase o mesmo tempo de vida com Donana, a avó paterna, Belonísia carrega características fortes, seja pelo trabalho com a terra principalmente pelo trabalho com as ervas medicinais.

A morte de Tobias, um vaqueiro de Água Negra com quem Belonísia se casou, não a deixou triste. A morte do marido foi como um livramento e isso possibilitou a ela dedicar ainda mais tempo para o local onde morava, para plantar e ajudar os vizinhos. Contudo, Belonísia carrega uma peculiaridade que foi comum à sua avó: A mãe de Belonísia ressalta que a morte do marido de sua filha é um fato que aconteceu com Donana, isso porque a matriarca da família morreu sem marido, apesar de ter se casado três vezes e todos eles terem falecido. “‘Como tua vó, Belonísia. Como tua vó’, ouvi minha mãe dizer segurando meus ombros, enquanto eu amarrava um lenço negro em minha cabeça. Ela quis lembrar as viuvez de minha vó Donana, que havia enterrado os seus maridos” (Vieira Junior, 2019, p. 139).

A avó de Belonísia foi cativa de um fazendeiro da região, e quando fugiu da fazenda, ainda que tenha dividido parte da sua vida com alguns homens, viveu a maior parte da vida trabalhando como parteira, praticando o jarê, curando as pessoas, aprendendo a viver a partir da terra sem um homem ao seu lado. Do mesmo modo ocorre com Belonísia. A personagem mostra sua força enquanto mulher negra que nasceu dentro de um sistema de exploração e invisibilidade, reforçado principalmente pela cultura do patriarcado. A autonomia alcançada por Belonísia está diretamente ligado com a construção das identidades.

É possível perceber uma repetição da mesma história. Belonísia, nitidamente, herdou característica de sua avó, seja por ser a pessoa que guarda a faca da avó, por não demorar casada, por ter ligações mais fortes com as entidades do Jarê, seja por ser a neta que ajuda nos partos em Água Negra, junto de sua mãe Salustiana. Belonísia, assim como sua avó, enfrentou os homens e, ainda que tenha se casado, passou a maior parte da vida só, dependendo unicamente do seu próprio trabalho.

Quando ele veio para cima para tentar me tirar dali à força, meu coração estava ao pulo, sentia meu interior frio como a brisa da madrugada, mas permaneci firme como meus antepassados. Não foi o suficiente para evitar que Aparecido acertasse meus punhos e tentasse me arrastar para fora. Encostei a lâmina que estava escondida atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao ver minha reação. Estava em minha mão direita, com o cabo fresco como um seixo recém-tirado do rio (Vieira Junior, 2019, p. 150).

Outro ponto que reforça essa herança ancestral é o fato de Belonísia ser a pessoa que vai carregar o facão que cortou sua língua, e que era da avó. O facão, simbolicamente, é um fio de corte de silenciamento das mulheres que viveram realidades parecidas com as das irmãs Bibiana e Belonísia. É o mesmo facão utilizado por Belonísia para pôr um fim à violência doméstica sofrida por sua vizinha, Maria Miúda, que era violentada pelo marido. Desse modo, Belonísia é a continuidade de uma luta que não foi iniciada por sua avó e que não terminou com

ela. É um enfrentamento que se reinventa com o passar dos anos e atravessa todas as dinâmicas da personagem com o território de Água Negra.

Belonísia não chegou a viver um grande amor. Ainda que tenha se casado com Tobias, o homem por quem realmente teve sentimentos foi seu primo Severo, mas este casou-se com a irmã Bibiana. Além do mais, Tobias era um homem que só a maltratava e, portanto, não fazia diferença em sua vida. “A melhor coisa que Tobias lhe fez foi devolver, de maneira involuntária, o punhal de sua avó. Talvez aquele tenha sido o único propósito do seu erro” (Vieira Junior, 2019, p. 246). Desde que ficou viúva, decidiu que não se relacionaria com mais nenhum homem e viveria apenas para trabalhar a terra e lutar pelos direitos dos comunitários de Água Negra.

Após tantos desafios e problemas que enfrentou sem conseguir dividi-los com ninguém, Belonísia permaneceu ainda mais ligada à terra. Ela acreditava que o contato com a terra era capaz de curar, e passou a ter muito orgulho de trabalhar na lavoura de plantar e colher seu próprio alimento, ainda que enfrentando percalços como a força da natureza e a ameaça direta de perder o local onde nasceu e cresceu, “A terra era o seu tesouro, parte do seu corpo, algo muito íntimo” (Vieira Junior, 2019, p. 246).

A mudez impacta profundamente a vida de Belonísia, mas tal fato não a impede de ser uma figura ativa dentre os comunitários. Uma de suas características é ser observadora, ainda que não fale, ela acompanha e participa das reviravoltas que acontecem no espaço de Água Negra. A personagem, que no início da narrativa é apresentada como uma garota simples e tímida e com uma limitação para se comunicar, torna-se uma liderança de sua comunidade.

Sendo assim, é possível perceber que as irmãs traçam seus próprios caminhos, mas sem uma abandonar a outra. A forma como elas se transformam ao longo da narrativa, lutando contra a opressão, contra o trabalho análogo à escravidão, além de todas as experiências particulares de cada uma, estão diretamente ligadas com a construção das suas identidades e do papel social que elas representam dentro de um sistema. São identidades que se forjam a partir das experiências com a coletividade, ligadas às questões históricas e a realidade da comunidade em que nasceram e cresceram.

Santa Rita Pescadeira é a personagem narradora do terceiro capítulo. Ela representa a cosmovisão daqueles comunitários e, por isso, detém o conhecimento do que aconteceu ao longo da história. No Jarê, a entidade representava a fartura das águas dos rios antes da exploração de diamante na região da Chapada Diamantina. Mas a mineração alterou os leitos d’água da região, ocasionando a diminuição da oferta de pescado e fazendo com que a entidade recebesse menos atenção. E, conseqüente, seu culto diminuiu entre os praticantes do Jarê.

Meu cavalo era uma mulher chamada Maria Miúda [...]. Sou muito mais antiga que os cem anos de Miúda. Antes dela, me abriguei em muitos outros corpos, desde que a gente embrenhou essas matas e rios, adentrou serras e lagoas, desde que a cobiça cavou buracos profundos e o povo se embrenhou no chão como tatus, buscando a pedra brilhante (Vieira Junior, 2019, p. 203).

Para Santa Rita Pescadeira, o fato de não ser mais lembrada nos rituais de Jarê não implica no abandono as pessoas de Água Negra. E, no momento em que o povo precisa da ajuda espiritual da entidade para fortalecer a luta em defesa do território, Santa Rita Pescadeira retorna para apoiar a resistência dos comunitários. Além de conhecer toda a história dos moradores de Água Negra, Santa Rita Pescadeira é apresentada na narrativa como uma entidade voltada às ações de cura. Ela, inclusive, representa a resposta e concretização dos pedidos feitos nas orações para os santos e caboclo do Jarê.

O assassinato do marido de Bibiana, que se dá em decorrência das suas articulações para garantir direitos aos comunitários de Água Negra, demonstra a importância da entidade naquele território.

Um grito atravessou o espaço como um sabre afiado. Tudo foi se tingindo de vermelho e segui o rastro do rio de sangue, que corria, não sabia de onde.
A fonte do rio era Severo, o senhor que mobilizava os moradores de Água Negra, caído na terra com oito furos feitos à bala. O grito era de Bibiana prostrada no chão com a cabeça do marido no colo. O rio era sangue e lágrimas, caudaloso e lento como uma corrente de lama correndo pelas casas e chamando o povo para se unir ou fugir da fazenda. (Vieira Junior, 2019, p. 206).

A passagem do assassinato de Severo, que é um momento de dor, medo e desespero, é também um momento que há o cruzamento do natural com o sobrenatural na narrativa: “Me desfiz numa chuva fina que aguou as vidas que pelejavam para salvar Severo, no meio do nada. Entrei por sua boca para lavar o sangue que esvaía, me dividi nos ombros, cabeças e costas daqueles que rodeavam o marido e a mulher no chão” (Vieira Junior, 2019, p. 207).

A chuva fina pode ser entendida como um ciclo que se inicia, denotando renovação e purificação. No momento em que a entidade se une aos corpos dos personagens que presenciaram a tragédia, reforça-se a conexão daqueles comunitários que, dentro das possibilidades disponíveis, tentam salvar a vida ou até mesmo a alma de Severo. Desse modo, naquele momento crítico, o sobrenatural, de maneira silenciosa, sustenta as pessoas de Água Negra. Entende-se, assim, que a religiosidade dos moradores de Água Negra é um dispositivo fundamental do ponto de vista da identidade cultural, visto que as pessoas moldam seus modos de vida a partir das crenças religiosas.

A religiosidade é importante também para fazer o enfrentamento diante do cenário de negação de direitos e violência contra seus copos. A morte do fazendeiro ocorreu em decorrência da ação da força espiritual que acompanhava as irmãs. O fazendeiro era a principal ameaça àquelas pessoas, todavia, matá-lo não era visto, pelos trabalhadores, como a alternativa que resolveria os problemas vivenciados pelos comunitários. Contudo, a entidade montou em Bibiana, para cavar o buraco onde o fazendeiro cairia, e em Belonísia para fazer a emboscada que o levaria à morte. Em nenhum momento, Bibiana desconfiou de ser usada pela entidade para cavar o buraco.

Salomão havia aparecido quase degolado caído em uma vereda no meio da mata [...] ao lado de uma cova grande. O grande mistério, sobre o qual discutiam no momento em que adentrou a casa: a cova. Uns disseram que surgiu do nada. Outros disseram que ela foi crescendo com o passar do tempo. Mas que não parecia ter sido feita por mão de homem (Vieira Junior, 2019, p. 250).

Mais adiante, a cabocla explica:

Levei Bibiana para caminhar no fundo da noite, [...] Seus braços fortes estavam prontos para abater a caça. Enterrei a enxada num terreno acidentado para fazer o fojo. [...] A cada golpe soprava um mal que havia visto. [...] A onça que sua avó via, só ela via, e por isso pedia para terem cuidado. A onça era uma lembrança daquele passado tão distante que havia retornado para amedrontar os moradores. São tantas noites escavando a terra para o fojo que as mãos de Bibiana estão laceradas. Quando deixo seu corpo pela manhã, ela cuida das palmas dormentes e castigadas com bolhas e feridas surgidas de nossa guerra (Vieira Junior, 2019, p. 260).

Já para a consumação, Santa Rita Pescadeira monta em Belonísia.

Me uni a seu corpo para vagar pela terra, para correr os marimbus, atravessar cercas, pelo rio, pelas casas e árvores mortas. Seu nome era coragem. Sabia que a onça fazia sua ronda pela estrada, mas e se alguém a desafiasse, a provocasse a adentrar a mata? Para que caísse no fojo que construímos com nossas mãos e com a força dos nossos encantados? O som do machado que nunca existiu desceu sobre a madeira. O som de um arado arranhando a carne. O som que a boca de Belonísia não era capaz de reproduzir, mas que, naquele instante, soou como um trovão forte. A onça caiu sobre a borda do fojo, sustentando o corpo com as garras para não ser lançada em definitivo para dentro do buraco. Mas antes que se levantasse se abateu sobre seu pescoço um único golpe carregado de uma emoção violenta, que até então desconhecia. Sobre a terra há de viver o mais forte (Vieira Junior, 2019, p. 261-262).

O som do machado e o som de trovão que sai pela boca de Belonísia remete ao orixá da justiça *Sàngó*. Com a junção do natural e o sobrenatural há, mais uma vez, o encerramento de um ciclo de violência, exploração e invisibilidade. Os trechos mostram que o

mais forte não é o que apresenta ser mais poderoso, nem o mais perigoso, mas sim o que tem a capacidade de adotar estratégias que levem para a mudança, que não haja disputa pela sobrevivência, mas que haja igualdade.

Ao narrar o terceiro capítulo do romance, a entidade faz digressões ao passado de Água Negra apresentando como ele intervém nas dinâmicas das gerações do presente, seja pela influência religiosa, por questões culturais e pela exploração do trabalho:

Meu povo seguiu rumando de um canto para o outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde pudessem ter uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar (Vieira Junior, 2019, p. 204).

No caso da Água Negra, as questões culturais estão ao lado da religiosidade, e estão totalmente ligadas ao passado daquelas pessoas. São mulheres que, à primeira vista, parecem estar sozinhas em uma luta histórica, mas que na verdade são guiadas pelas forças espirituais que cultuavam desde pequenas. A forte ligação com a ancestralidade e as lutas dos antepassados é tão presente que as irmãs são montadas pela entidade e não percebem. É importante observar os calos e as dores nas mãos, após a entidade cavar a vala na qual o fazendeiro cai. São dores simbólicas de um povo que, em sentido comunitário, foi duramente violentado e explorado ao longo da história do Brasil.

Em Água Negra, a terra é a base de todas as dinâmicas sociais. O trabalho é com a terra, o alimento é cultivado na terra, as casas são feitas com a terra daquele lugar, os umbigos e os mortos são enterrados na terra, a luta das pessoas é pelo direito à terra. “Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar onde seus filhos e netos tinham nascido (Vieira Junior, 2019, p. 207). Ter o direito sobre a terra representa a justiça para aqueles trabalhadores que foram utilizados apenas como um arado, que somente trabalha a terra para ela produzir melhor.

Santa Rita Pescadeira é uma entidade ancestral fundamental para a existência daquelas pessoas, e é uma das responsáveis pela garantia da sobrevivência da comunidade naquele espaço-tempo. Em Água Negra, a presença da entidade marca a manutenção da cultura ancestral dos comunitários. A manutenção da ancestralidade por meio das práticas religiosas do jarê é uma forma também de garantir a união dos comunitários, promovendo profundidade nas

relações, é também onde celebram-se as conquistas e dividem as dores. Além de ser o caminho por onde buscam soluções para os conflitos internos e externos da narrativa.

Santa Rita Pescadeira, ao contar sobre o passado de Água Negra, contribui para o entendimento da resistência enquanto população quilombola em Água Negra. Consoante com Beatriz Nascimento (2021): “O quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica [...]” (Nascimento, 2021, p. 294). É isso que acontece em Água Negra a partir da luta dos moradores para permanecer no território. Usam táticas ou heranças dos ancestrais ou definem novas estratégias para garantirem seus direitos.

Em um determinado período da história dos comunitários de Água Negra, algumas pessoas negavam suas identidades. Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos. Pretos não eram bem-vistos, tinham que deixar a terra. Então dizia que era índia. Os outros diziam que eram índios. Índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam (Vieira Junior, 2019, p. 223).

Bibiana foi uma das primeiras pessoas a se reconhecer como quilombola de Água Negra, após a morte do dono da fazenda: “Disse que era quilombola. Escutou que nunca havia falado sobre quilombo naquela região. ‘Mas nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas’, respondeu tranquila diante do escrivão e do delegado” (Vieira Junior, 2019, p. 256). É um território em que dor e luta se entrelaçam e fortalecem a construção de uma identidade coletiva. Trata-se de uma afirmação proferida em um momento de conflito, fundamentada na herança cultural da narradora, fortemente conectada com a terra e a sua comunidade.

A coragem dos demais moradores, fruto do consenso de serem uma comunidade quilombola, transcendeu as determinações impostas pelos patrões. Comprar móveis na cidade, que possuem maior durabilidade, construir casas com tijolos foi uma maneira de mostrar que a presença daquelas pessoas em Água Negra não se deu de uma hora para outra.

Antes mesmo da morte do dono da fazenda, os moradores de Água Negra davam pequenos sinais da coragem adormecida. Aos poucos começaram a ir contra as imposições naquele lugar: “Mas o povo começou a melhorar o seu interior: colchões de espuma para substituir os colchões de palha de milho, uma cama, mesas e cadeiras, remédios, roupas e alimentos. Panela e colchas que os ciganos vendiam de tempos em tempos em nossas portas” (Vieira Junior, 2019, p. 155).

Algumas mudanças no espaço físico representam as mudanças psicológicas nas pessoas, nas quais, as mudanças internas da casa podem ser compreendidas como mudanças mais internas dos personagens, até mesmo no pensamento. Já as casas de alvenaria simbolizam mudanças mais efetivas no comportamento dos comunitários.

Faziam algum tempo que os moradores decidiram levantar suas casas com bens duráveis. Aconteceu antes da morte de Salomão. Era um desejo antigo sufocado pelos interditos. Queriam ter casas de alvenaria. Queriam moradas que não se desfizesse com o tempo e que demarcasse de forma duradoura a relação deles com Água Negra [...]. Havia um ar de recomeço naqueles dias, como começavam seus trabalhos na roça após a estiagem ou a cheia (Vieira Junior, 2019, p. 254-255).

Dessa forma, é possível perceber que as identidades das personagens mencionadas estão diretamente ligadas com o espaço. A obra apresenta a dualidade do medo e coragem, exploração e resistência, a fertilidade e o estéril, cura e a tragédia. A força e a coragem adquiridas ao longo do tempo, ainda que com suas particularidades, são fundamentais para preservarem suas essências e suas histórias. Na luta por justiça social, pelo território, as narradoras se apegaram às suas heranças ancestrais, à memória coletiva para fortalecer a luta contra o dispositivo colonial que segrega a comunidade à marginalidade.

São corpos femininos que lideram ações que causam transformações físicas no território, despertando, coletivamente, o sentimento de comunidade. Assim como transformações psicológicas, fazendo os comunitários romperem com as barreiras que os impedia de olharem para aquele território como os reais donos, e para além de se perceberem, mudarem a realidade de subalterno para condição de atores-chaves dentro do contexto. Os moradores de Água Negra entendem que aquele território, da forma como a narrativa conta, existe unicamente pelos esforços daquelas famílias de trabalhadores que há gerações trabalharam sobre aquela terra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inegáveis as contribuições históricas, sociais, culturais e epistêmicas das populações afro-brasileiras na diversidade que é o Brasil. Itamar Vieira Junior consegue, por meio de suas obras, e aqui se destaca *Torto arado*, apresentar a realidade e os desafios enfrentados pelos personagens mais de um século após o fim da escravidão. De modo enfático, as histórias ficcionais do autor exaltam o protagonismo das mulheres negras dentro desse campo de resistência criado pelos negros durante a história do Brasil. Em *Torto arado*, foram as mulheres as responsáveis por engajar os comunitários na luta pela terra, por despertar o sentimento de pertencimento e por fortalecer os laços afetivos e ancestrais entre os seus. Essa mobilização comunitária ocorre ao mesmo momento em que as narradoras constroem suas próprias identidades

O olhar atento de Belonísia para as tradições e ao passado, conecta as gerações, destacando a importância da ancestralidade na formação da identidade afro-brasileira. Bibiana, por sua vez, encarna a força da luta pela terra e pela preservação cultural, mostrando como o pertencimento à terra conecta-se à identidade e à resistência contra a opressão. Santa Rita Pescadeira, com sua conexão com a natureza, simboliza a espiritualidade e a força feminina, mostrando que a luta por justiça se entrelaça com a vida cotidiana e a preservação das tradições.

Os elementos da natureza permeiam a narrativa. O fogo, a água e a terra compõem aspectos da vida das pessoas e fazem parte de um complexo que permite que elas continuem a lutar pelo que acreditam ser justo. Esse processo de luta é uma dura crítica ao colonialismo e ao racismo estrutural, que são dispositivos usados pelo colonizador para a manutenção do poder e dos privilégios..

As obras de Itamar trazem ainda que a dominação colonial, violenta e abrupta se deu, também, por meio da dominação cultural. Fazer as pessoas perderem suas identidades culturais e territoriais era uma forma de enfraquecê-las e ter mais poder sobre seus corpos.

Entre práticas contracolonzadoras dos moradores de Água Negra estava a valorização das suas próprias práticas espirituais, criando uma blindagem às tentativas de imposição da religião europeia em Água Negra, preservando assim suas identidades e fortalecendo o pertencimento ao território. O romance *Torto Arado*, ancorado em uma narrativa que reflete as profundezas do Brasil, valoriza as culturas afro-brasileiras, as culturas dos povos originários, atreladas às reflexões sobre processos de identificação e de justiça social.

REFERÊNCIAS

- AMADOR DE DEUS, Zélia. *Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade*. 295. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008
- BAKHTIN, Mikhail. *Teorias do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. (orgs.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. “Branqueamento” como política brasileira de exclusão social dos negros (séculos 19 e 20). *Asbrap: Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*, Brasil, p. 9-16, 2021.
- CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Tradução Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Da mestiçagem à identidade: a questão do negro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- PRAZERES, Rogério Santos dos; MARQUES, Heitor Romero; RIBEIRO, Bruno de Oliveira. A fenomenologia dos Direitos humanos e a cidadania negra no Brasil pós-abolição: ideologias raciais nas políticas públicas contemporâneas. *Revista de Cultura Teológica*, [s. l.], v. 28, n. 78, p. 37-57, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14444/10538>. Acesso em: 20 mar. 2024.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2726412&pid=S1405-8421201300030001100008&lng=es . acesso em: 28 mai. 2024.

RODRIGUES, J. H. *A rebeldia negra e a Abolição*. Afro-Ásia, Salvador, n. 6-7, 1968. DOI: 10.9771/aa.v0i6-7.20680. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20680> . Acesso em: 01 out. 2024.

SACK, Robert David. *Human Territoriality, its theory and history*. Tradução: Rosana Meneghetti. Revisão: Mariana Mariano. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: UNB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA. *Diáspora africana: você sabe o que é?*. Fundação Cultural Palmares, Brasília, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e#:~:text=A%20di%C3%A1spora%20africana%20%C3%A9%20o,o%20tr%C3%A1fico%20transatl%C3%A2ntico%20de%20escravizados>. Acesso em: 04 ago. 2024.

SILVA, M. F. da; ALMEIDA, J. C. M. de. O conceito de espaços de práticas e a territorialidade na análise do ensino e da aprendizagem: implicações para a formação docente. *Revista Latinoamericana de Estudios Educativos*, v. 13, n. 3, p. 11-25, 2013. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-84212013000300011. Acesso em: 18 set. 2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Salvar o fogo*. São Paulo: Todavia, 2023.